

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Livro de Pernambuco Class.: 70

Data: 21/11/86 Pg.: _____

Funai faz levantamento de área dos Xucum-Kariri

Levantamento fundiário de toda a área habitada pelos índios Xucum-Kariri, em Palmeira dos Índios, Alagoas, para conhecer o que representa, em termos de recursos, a indenização a ser paga aos proprietários da fazenda invadida pelos indígenas, em outubro passado - eles querem permanecer no local -; e contatos com as lideranças, no sentido de observar as reais necessidades da tribo, especialmente em se tratando de terras, são as duas medidas a serem adotadas, na próxima segunda-

feira, pelo superintendente regional da Funai, Lucas Cardoso, conforme determinação do presidente do órgão, Romero Jucá Filho.

Ontem à tarde, uma reunião entre o presidente da entidade, o superintendente (o órgão abrange, dentre outros, os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Ceará e Bahia), os líderes da tribo e um advogado da OAB-PE, durou aproximadamente duas horas. De um lado, os representantes da instituição dizendo que não teriam condições de tratar o

assunto conforme queriam - exigência de três mil hectares de terras - de outro, os índios reclamando, inclusive da fome que estão passando, e, de outro, o advogado garantindo que conseguirá a reintegração deles às terras habitadas por quase 30 dias. O impasse permanece e alguma coisa de concreta só depois de concluídos os relatórios com as questões que o presidente pretende tomar conhecimento.

ACORDO

O presidente da Funai adiantou que "já existe um acordo moral entre os líderes da comunidade e entendemos não ter o órgão, a estas alturas, condições de alterá-lo, até porque pode não satisfazer, em linhas gerais, a todo mundo. Ora, antes todos viviam numa só área. Depois, os irmãos Antônio Celestino e Manoel Celestino, se separaram. Dividiu-se a tribo. Uns ficaram onde já estavam e, o outro, seguiu com um grupo

para um local diferente. Agora, no entanto, reivindicam cerca de três mil hectares. De saída, enquanto nada fica definido, querem um adiantamento de 175 hectares. A Funai não tem condições de concordar, principalmente por não conhecer o lugar. Por isso estou determinando a ida de dois advogados e outros funcionários, até a aldeia. O que a entidade não pode é tomar atitude ou desenvolver ações em cima do problema, pois só conseguiremos ampliar as áreas de conflitos".

- Hoje, se eu perder um índio, pois estamos em conflito, os responsáveis são os funcionários da Funai, especialmente o presidente. Ele só resolveria o problema se quisesse se colocar no lugar do índio, na aldeia, e os índios, no lugar dele. É só o que posso pensar, porque ninguém quer tomar a atitude de resolver esse assunto. Eu, como pagé e

responsável pela comunidade, passando horrores, em estado de miséria, assistimos à sétima reunião sem que nada ficasse definido. Não queremos conversa. Precisamos de atitude - disse o pajé Antônio Celestino, que, depois da divisão ("algumas famílias me acompanharam" - comenta sempre) foi morar com um grupo na fazenda Canto, de 276 hectares, pertencente ao sr. Everaldo Garrote.

Comentou também que "se a Funai não resolver nada eu vou buscar meu pessoal para ficar na sede da Fundação, pois, só assim, a sociedade toma conhecimento do que acontece com o índio. Os jagunços estão na área, ameaçando a gente, de armas em punho. Semana passada, em cima de cavalos, eles invadiram nossa terra. E é por tudo isso que pretendo fazer uma troca com o presidente. A gente invade a sede e ele leva o pessoal dele para a aldeia".